

## O ESPELHO E A MÍSTICA PORETIANA

### THE MIRROR AND THE PORETE'S MYSTIQUE

Joana de Souto Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho procuraremos analisar alguns pontos da obra *O espelho das almas simples* de Marguerite Porete. Sentenciada à fogueira da inquisição em 1º de junho de 1310, a autora traz em sua obra feições da teologia mística que, necessariamente, constitui também sua experiência com o divino. O objetivo essencial é pensarmos como Porete propõe alcançar a divindade em uma forma de reflexo cristalino da Deidade. Recorrendo à metáfora do espelho, Marguerite nos apresenta a disposição que o homem tem para “ser-espelho”, isto é, a capacidade que a alma adquire ao longo de todo o processo de aniquilação para refletir Deus. O aniquilamento n’*O espelho das almas simples* é visto como abandono das vontades relacionadas ao “eu”, que engendra, então, em um processo de purificação da alma que culmina na união com o Divino. Marguerite nos aponta para um ser humanizado, que não é imaculado, mas que se reconhece e se percebe no outro. A partir desse ponto faremos uma reflexão sobre alguns aspectos da filosofia mística poretiana e como este reflexo faz da sua experiência mística algo peculiar.

**Palavras-chave:** Marguerite Porete; Mística; Metáfora do espelho.

**Abstract:** In this paper we will try to analyze some points of the work *The mirror of the simple souls* from Marguerite Porete, who was sentenced to the fire of the inquisition on June 1st of the year 1310, the author brings in her work features of mystical theology that necessarily is also your experience with the divine. The essential goal is to think how Porete proposes to reach divinity in a form of crystalline reflection of Deity. Using the metaphor of the mirror, Marguerite gives us the willingness that the man has to “be-mirror”, that is the ability that the soul acquires throughout of the whole process of annihilation to reflect God. Annihilation in *The mirror of simple souls* is seen as abandonment of wills related to the "I", which engenders, then, in a process of purification of the soul that culminates in union with the Divine. Marguerite points us to a humanized being, which is not immaculate, but it is recognized and can be seen on the other. From that point we will consider some aspects of Porete’s mystical philosophy and how this reflection makes her mystical experience something peculiar.

**Keywords:** Marguerite Porete. Mystique. Mirror Metaphor.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense (PFI/UFF). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval (Principium/UEPB/CNPq), membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Mística (AOPHATIKÉ/CNPq). [joana.souto@hotmail.com](mailto:joana.souto@hotmail.com)

## Introdução

Como o passar dos tempos, o estudo da mística medieval vem ganhando força e muitas das afirmações que falam do período medieval como uma época de “escuridão” vêm perdendo o sentido. Vários estudos no âmbito histórico, filosófico e religioso mostram que existiram grandes pensadores que se mostraram bastantes ousados em suas linhas de pensamento, quebrando paradigmas epistemológicos, ou seja, transgredindo<sup>2</sup> o horizonte de uma ordem deveras estabelecida. O século XII apontou para um novo período político e social da história da Idade Média e, dentro da perspectiva da história da mística, o século XIII teve um impacto mais delineado, marcando um novo estágio da mística cristã e uma reestruturação religiosa no desenvolvimento dos movimentos religiosos, muitas vezes rotulados como heréticos.

Pela conjuntura acadêmica que temos hoje, a mística ainda é um tema considerado marginal, talvez por ela ter como base de sua essência a experiência. No entanto, isso não nos priva de fazermos uma investigação e usarmos o discurso filosófico para explicarmos tais experiências. A mística tem como sua intencionalidade buscar e entender o Sagrado, ela nos traz a possibilidade de dialogar e fundamentar questões sobre a fé, a liberdade, a ação, a contemplação, a razão, a aniquilação, o nada, dentre outras, de ordem, sobretudo, metafísicas e morais. O discurso místico nos é dado através de uma abertura para o sensível das experiências, estas que são de libertação e de busca para uma elevação da condição humana<sup>3</sup>, neste sentido, uma espécie de diálogo com aquele que seria incomunicável.

A experiência mística está intrinsecamente relacionada às experiências do sujeito. No entanto, o sujeito místico é, ao mesmo tempo, aquele capaz de enxergar o *Outro*. No ambiente místico, esse *Outro* pode ser designado por vários nomes: o Absoluto, o Sagrado, o Todo, o Divino, o Espírito, Deus etc. A importância que essa experiência tem para a vida do sujeito que a experimenta não é algo banal, pois ele está disposto a se colocar diretamente diante do sagrado, desvencilhando-se, se necessário, de alguns interditos clericais. Se levarmos em consideração o movimento da tradição religiosa cristã, nem sempre há espaço para experiências diretas com o divino, ou seja, a experiência só acontece de forma vertical ou não expansiva. Por

---

<sup>2</sup> É entendível que o conceito de transgressão pode abarcar dentro da sua implicação vários significados. No entanto, nesse projeto, o conceito de transgressão se mostra como um conceito que tem o seu embasamento no ir além das ordens pré-estabelecidas socialmente, ou seja, onde a ação humana excede as noções de uma existência marcada pela finitude.

<sup>3</sup> Hegel afirma (HEGEL, 1989, p. 366) que filosofia e religião (podemos dizer também filosofia e mística) se aproximam por se darem como objeto, não o terreno, nem o mundano, mas o infinito.

sua vez, a mística trata de uma experiência que transcende os limites das faculdades humanas e atravessa o sentido de negação e ascensão de todas elas. Vejamos:

[...] aparentemente [...] a mística e o seu “discurso” do desapego e abandono sejam somente uma negação, mas há um efetivo desejo de liberdade que leva à independência (desapego) e que leva à liberdade também, mas entendida como criação. O desapego que liberta, liberta a possibilidade de criar a partir do “nada” a que se chegou com desapego inicial e isso seria uma característica de quase toda mística, ou seja, a ideia do esvaziamento como abertura a algo muito maior e, além de impulsionador, transformado (QUADROS, 2012, p. 192-193).

A experiência de um místico é o caminho que ele percorre para ter um contato mais vivo com o divino, com aquilo que transcende os seus limites. Neste sentido, a mística apresenta, dentre outras coisas, um viés filosófico interessante, que pode ser percorrido, por exemplo, através da linguagem apofática, esta que desaguará, necessariamente, na categoria ontológica do *nada* que, por sua vez, pode ser apresentado sob dois aspectos: o aspecto do niilismo ou da morte de Deus; e o aspecto do *nada* como possibilidade de *tudo*, ou seja, no horizonte não da morte de Deus, mas do renascer na Deidade, já que no nada o místico se coloca sempre como abertura *para*.

### **Porete e a mística**

Se pensarmos dentro da história da mística, temos a Marguerite Porete que foi uma das grandes figuras da mística no século XIII. O processo de nadificação poretiano nos propõe um esvaziamento de si, o deixar que o nada modifique nosso modo de olhar o mundo, abrindo assim espaço para um *ser* que especula e engrandece o espírito. Um ser que vira expectador de si mesmo.

Marguerite Porete é queimada publicamente na fogueira da inquisição no dia 1º de Junho de 1310, na Praça de Grève em Paris. Autora de uma das maiores obras místicas da tradição cristã, o *Le Mirouer dès ames simples et anienties et qui seulement demeurent en vouloir et desir d’amour*<sup>4</sup>, transgressora de limites, foi condenada como herege reincidente, relapsa e impenitente. Não se tem dados biográficos concretos sobre a vida de Marguerite, porém, pelo que nos chegou até hoje, podemos afirmar que era ela uma mulher de família nobre e com isso teve acesso à educação letrada. Assim, Marguerite usou tais conhecimentos para expressar sua experiência mística. Ela escreveu o livro em sua língua vernácula (no francês

---

<sup>4</sup> Este é o título da obra de Marguerite Porete no Francês medieval. Sua tradução para a língua vernácula é: *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*.

antigo, mais precisamente em picardo). Um dado interessante é que depois do processo inquisitório, o livro ainda foi bastante difundido, porém como um tratado anônimo. Romana Guarnieri, estudiosa italiana, conseguiu em 1946, através de suas pesquisas e tendo acesso aos artigos e atas do processo de inquisição, reconhecer que os escritos pertenciam à Marguerite.

A autora demonstra um grande domínio teológico, filosófico e literário. Utilizou uma dinâmica de metáfora para assumir-se como escritora e personagem do livro. O tratado teológico e, também filosófico nos é apresentando de forma alegórica e moldado na forma de espelho. Na Europa da Idade Média, particularmente nos séculos XII e XIII, surge um grande número de obras que continha em seu título o termo *speculum* ou seu equivalente na nossa língua, *espelho*. Isso mostra que a imagem do espelho ou sua metáfora tinha certa importância naquele período. A proposta de que o espelho é um instrumento para as criaturas tivessem como regressar a Deus traz para o mundo cristão o fascínio pelo espelho.

Fica bem claro ao longo do livro que Marguerite fala do indizível, do Deus do qual não podemos falar, mas senti-lo. Portanto, meditar sobre o homem *como* espelho é pensar que ele vê na alma um espelho vivo que reflete a imagem do divino. Compreendendo que o produto do espelho é o reflexo, a alma que se assume como espelho contempla o que seria o reflexo de Deus ou da Deidade. O uso da metáfora do espelho é a via que vários pensadores utilizaram para mostrar que podemos chegar ao estado de purificação. E mais, é o ato de se colocar em frente ao espelho e fazer uma extrospecção, diluir o eu e, assim, se tornar Deus e mais nada querer sentir. Decerto, para se tornar um reflexo cristalino da Deidade, a alma necessita se despojar de si, e esse despojamento levará a alma ao aniquilamento total.

Levando em consideração que *O Espelho das almas simples e aniquiladas*, escrito por Marguerite Porete, aparece como uma forma de guia espiritual para um público não restrito ao clero, o livro, de forma geral, trata da experiência mística de Marguerite com a deidade. Pretendemos nos deter aqui a esse sentido de como se dá esse espelho, ou melhor, como o homem pode se tornar reflexo de Deus. O reflexo da deidade é o ponto ímpar do aniquilamento, é quando Alma está liberta de todas as coisas, é o extremo da bondade de Deus. Sua experiência mística resultou nos sete estágios, dos quais podemos dizer que é o polimento do espelho, espelho que está sem nitidez e não consegue refletir a imagem do Divino. Marguerite tinha consciência do que escrevia, assim, cria o itinerário espiritual da alma, apresentando os sete estágios pelos quais a alma deve seguir para se transformar em espelho e, assim, refletir a imagem cristalina de Deus, onde o despojamento total acontece e a vida clarificada toma forma em Deus. Sendo ao longo dos estágios que alcançamos as mortificações, para que assim cheguemos ao estado pleno do *nada*. Todavia, é ao longo desse itinerário que a alma pode

experienciar a *Deus*, ou seja, ser transformada no amor divino e ter a experiência de conhecer o desconhecido.

Apesar desse experienciar, a Alma não sabe falar de Deus, pois seu estado de total aniquilamento deixa longe todo o entendimento cognitivo, pois há o desprendimento dos desejos e das vontades, onde só o desejo do Amor impera na alma. E é esse querer desprender-se que faz com que cheguemos ao estado total de aniquilamento:

O quinto estado é aquele no qual a alma considera que Deus é, Ele por meio de quem todas as coisas são, e ela não é, se não é onde todas as coisas são. E essas duas considerações lhe trazem uma perplexidade maravilhosa. Ela vê que Ele é bondade total que colocou nela uma vontade livre, nela que não é senão na maldade total (PORETE, 2008, p. 191).

Pensar nos estágios que Marguerite passou para alcançar o esvaziamento do ser e, então, chegar ao aniquilamento, é levar em consideração que ela, metaforicamente, poliu o espelho da alma:

Imaginemos que cada homem seja um espelho, mas existem espelhos de tamanhos e formas diferentes, além disso, uns estão mais limpos e outros mais sujos. Ora, quando a luz incide sobre um espelho impecavelmente limpo, o resultado dessa incidência é a irradiação da luz; pelo contrário, quando incide sobre um espelho que de tão sujo perdeu a capacidade de refletir, não há irradiação, só aquecimento; todavia, a “função” do espelho não é aquecer, é refletir (NOGUEIRA, 2008, p. 347).

Fica explícito que a vontade dela é, somente, querer a vontade de Deus, mas ainda não há o aniquilamento, pois ela ainda quer. O total aniquilamento é o não querer, não sentir, não ser. O único querer e o único ser é o de Deus e, assim, a alma torna-se uma extensão D’Ele. Mas como seria essa extensão? É quando a alma não vê, não sente e não vê a Deus, pois Deus está nela. E é no quinto estado, como explanamos anteriormente, que Marguerite nos mostra que o espírito está pronto para morrer, ou o que ela chama da morte do espírito. A alma esvaziada de si mesma encontra a deidade ou se transforma em um ser uno com a deidade.

A própria Marguerite levou em consideração que só alguns homens são capazes de ser preenchidos com o absoluto do divino, ou seja, não é o formato do espelho, mas como lidamos com a ideia de *ser espelho*. Isso pode até parecer dicotômico no sentido de existirem seres humanos propícios ao aniquilamento e seres humanos que se recusam a chegar ao aniquilamento. Porém, os seres aniquilados são aqueles que não fazem as obras por si, isto é, são os que deixam de lado a vontade do espírito, pois a alma aniquilada só está satisfeita quando não tem nada, não existe uma intenção de chegar à salvação. “[...] Assim, portanto, transparece claramente que sou glória eterna de Deus e a salvação da criatura humana, pois a salvação de

toda criatura não é senão a compreensão da bondade de Deus” (PORETE, 2008, p. 186).

Trata-se aqui exatamente da ideia que a própria Marguerite traz no início do prólogo d’*O Espelho das almas simples e aniquiladas*, o quão é difícil perceber o que ela quis tratar no livro, mas os que buscassem entender com humildade poderiam chegar ao estado de perfeição. Este estado é o libertar-se de tudo. A Alma que chega ao grau total da elevação se torna Deus e é abandonada nele, está liberta de todos os seus anseios que trazem a vida carnal e a vontade. Marguerite nos encaminhou para um tornar-se nada, um nada que está longe das molduras da razão, um nada que só é visto quando mudamos o nosso olhar, ou seja, virando expectadores de nós mesmos. A aniquilação que Marguerite propõe é o esvaziamento de si, é o deixar que a alma se consuma no fogo da fornalha do Amor, e não deseje mais nada, ou melhor, ela vira apenas desejo do divino, assim alcançando a aniquilação, vejamos:

[...] tal Alma está tão inflamada na fornalha do fogo do Amor, que se tornou propriamente o fogo, razão pelo qual não sente nenhum fogo. Pois ela é fogo em si pelo poder de Amor que a transforma no fogo de Amor. Este fogo arde por si mesmo em todos os lugares e em todos os momentos de hora sem consumir nenhuma matéria e nem é capaz de querer consumir nada além de si (PORETE, 2008, p. 70).

ou seja, a Alma aniquilada não é mais nada e é tudo.

O espelho que é construído com a evolução dos estágios é seguido da clarificação da Alma, e é essa clarificação que permite que o reflexo seja o ápice da mística de Marguerite, essa transformação de homem-Deus. Entendemos que esse longo caminho percorrido pela Alma para chegar ao estado de total aniquilamento é o reflexo daquele que molda o olhar. O olhar que vai além de preocupar-se com as obras, ou de como alcançar a salvação, mas um olhar introspectivo, que possa encontrar a Deus. É o perceber que a Alma pode ser espelho da sua própria alma, e assim também pode torna-se reflexo de Deus.

A Alma que reflete o divino é aquela que abre mão da vontade, só refletindo o que há de mais puro e clarificado da Deidade. Porém, é questionável como um humano carregado de pecados, imperfeições, desejos e finitude, se torna forma refletida de um Deus perfeito e infinito, mas essa resposta Marguerite também nos dá:

[...] se sou amada interminavelmente pelas três pessoas da Trindade, também fui amada por elas sempre, sem começo. Pois como por sua bondade Ele me amará interminavelmente, assim também estive no conhecimento de sua sabedoria para que eu fosse criada pela obra de seu divino poder. Portanto, à medida que Deus é, Ele que é sem começo, existi em seu conhecimento divino, e existirei interminavelmente, já que desde aquele tempo Ele amou, [...], por sua bondade, a obra que faria em mim por seu poder divino (PORETE, 2008, p. 82).

É perceptível que Marguerite nos apresenta um Deus que pode ser alcançado, que é possível encontrá-lo, basta se entregar à nadificação: ser especular na busca e no engrandecimento de espírito e, assim, querer apenas o que Deus quer.

### **Considerações finais**

Porete em seu guia espiritual nos aponta que para chegar ao alto da montanha temos que abandonar tudo que parece ser alicerce, e ter o enfrentamento com a insegurança do despojamento, pois desta forma podemos conhecer a Deus de forma transcendental. E, como vimos, é com o progredir dos estágios que podemos ter o esvaziamento de si, para chegarmos a uma alma aniquilada. E é aqui que percebemos o quanto a mística poretiana quebrou barreiras da fé, adentrando em um universo de arrebatamento divino, elevação ao puro nada. Nada este que é tão obscuro, porém tão harmonioso com a categoria do reflexo do divino. Ressaltando que até quando a própria Marguerite se depara com a categoria do nada, ela chega à conclusão do quão importante é a totalidade da nadificação. É perceber que o nada é uma possibilidade de revelação, pois quando não existe mais nada para prender o olhar carnal é que ele passa a ver claramente o divino, vejamos:

Agora essa Alma descansa nas profundezas, onde não há mais fundo, e por isso é profundo. Essa profundidade lhe faz ver muito claramente o verdadeiro Sol da altíssima bondade, pois ela não tem nada que lhe impeça essa visão [...] transformando tal Alma em sua bondade. Agora ela é tudo e, assim, não é nada, pois seu Bem-Amado a fez una (PORETE, 2008, p 193).

É nesse paradoxo de ser tudo e nada que encontramos a possibilidade da alma encontrar o divino, usando de toda a liberdade de existir para se tornar una com Deus, sendo válido ressaltar que são dentro das experiências místicas que encontramos essas várias possibilidades de *ser* Deus. Entendemos que a mística de Marguerite não é apenas um olhar sobre as concretudes do divino, é chegar a um desvelamento do homem como ser existente, que ama, sofre, deseja... É o experienciar o absoluto; absoluto este que faz o homem ser algo extraordinário diante de Deus.

## Referências

- HEGEL, W. *Introdução à História da Filosofia*. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1989, (Os pensadores).
- LIBERA, Alain de. *Pensar na Idade Média*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 999.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. São Paulo, Edições Loyola, 2000.
- NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. *Amor, caritas e dilectio: elementos para uma hermenêutica do Amor no Pensamento de Nicolau de Cusa*. Coimbra, 2008 Tese (doutorado em Filosofia), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- PORETE, Marguerite. *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Tradução e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes. 2008. – (série clássicos da espiritualidade).
- QUADROS, Elton Morerira. *Aproximações entre Mística e Filosofia*. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, a. 9, n. 132, p 192-195, 2012.